

Nº 35

SONHOS FANTASTICOS

DO

USURPADOR JUNOT,

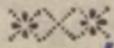
COM

AS DESESPERADAS REFLEXÕES, QUE ELLE MESMO FEZ,

OU

DEVIA FAZER EM ACORDANDO

PARTE I.



Josepho Lourenco

LISBOA. M. DCCCVIII.

NA IMPRESSÃO DE ALCOBIA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja da Gazeta á Praça do Commercio, na de Luiz José de Carvalho aos Paulistas, na de Francisco Xavier de Carvalho ao Chiado, no Botequim do Madre de Deos ao Rocio, em Belém na loja de Capella de José Tiburcio, e na de Francisco Luiz em Alcantara.

SOMMARIO

DO

USURPADOR

AS DESEMPENHAS DAS REPERIÇÕES

QUE ELLE HEVEM FEZ

OU

DEVIA FAREM SE ACORDANDO

PARTI

LISBOA, M. DCCCLVII

NA IMPRENSA DE ALGORIA

Com licença da Real Academia de Ciências do Paço

Printed and sold by the Author at the Office of the Editor, in the City of Lisbon, in the Year of our Lord 1757, in the Month of August, on the 15th day of the same.

S O N H O I.

Fortuna, que ao meu carro amaneatada,
Obedeces a tudo quanto eu quero,
E te honras de seres dominada,

Pelas Leis, que eu sem poder severo,
Com doçura, e meiguices vou formando
Ao Povo Portuguez, altivo, e féro.

Eu sou o Gram Junot, esse que ornando
A frente gloriosa de loureiros,
Vê mil heróes sujeitos ao seu mando.

E aquelles Portuguezes, que primeiros,
Navegárão o mar com ousadia,
Já forão certamente Progociros

Das glorias, que me adornão este dia.
Hum Gama, hum Almeida, hum Castro forte,
E outros da mesma jerarchia,

Já se expozerão ao rigor da morte,
Por trazerem a este bom Paiz
A riqueza immensa, que me cabé em sorte.

Eu tenho aqui Palacios, que não fiz;
Tenho quintas, e casas de recreio,
Melhores do que as boas de Paris.

Eu tenho côxes, e seges d'alto aceio
Em que ando pelas ruas muito inchado,
Cada vez que saio ao paeio,

Eu tenho Conselheiros ao meu lado,
Famosos, como he o bom Lagarde,
E outros d'hum engenho sublimado.

Todos elles me ensinão a maldade,
Que tanto he importante ás minhas vistas,
Em nada dependentes da verdade

Todos elles me fazem mil conquistas
D'esses Portuguezes, que obrigados
Ao seu Principe, são meus Partidistas.

Oh que glorias eu faço em vêr armados,
En dereza da minha Soberania
Esses Portuguezes conquistados!

Pois só assim terá firme valia
O Dominio, que eu quero estabelecer
Em esta Portugueza Monarchia;

E para myris lindamente os entreter,
Já me declarei ser seu Protector,
E que os ensinarei sempre a vencer;

E tambem com profetico furor,
Lhes prometti abrir largos canaes,
E estradas grandes, em que a seu favor

Possão conduzir muitos cabedaes,
Se eu não lhes tirar antes, como intento,
Para os proteger cada vez mais;

A fim de que, sem modo violento,
Já livres da pezada dinheirama,
Embarquem todos, e em hum momento

Vão a brigar nos Campos da Mourama,
Contra esses ferozes Marroquinos,
Tanto exaltados pela fama;

E tambem contra os bravos Tunesinos,
Inimigos do Grande Buonaparte,
E contra os insolentes Argelinos,

Piratas, que com manha, e com arte,
Navegão no immenso mar salgado,
Roubando, e cativando em toda a parte.

Oh, e então serei mais exaltado,
Pois em quanto elles andão pela guerra,
Terei as suas filhas ao meu lado,

Cantando humas, só em Junot se encerra
O nobre, e immortal merecimento
De ser o Dominante desta terra;

Cantando outras, elle he hum protento
De grandezas, valor, e bizzarria,
E desde que no mar assopra o vento,

Nenhum outro teve valentia,
Ou essas circumstancias relevantes,
Que unidas á mais alta Fidalguia,

O fizeram ser Duque d'Abrantes,
Para que tendo as honras d'hum Ducado,
Como aconteceu a outros antes,
Lhe sirvão de degrãos para o Reinado.



S O N H O II.

O Reinado, Reinado, ó bom Reinado,
Continúa Junot a discorrer,
Quando porás tu fim ao meu cuidado?

Eu sou aquelle, que a todos sei vencer,
Desde que no primeiro de Fevereiro,
Com glorias tudo entrei a merecer,

Por aquelle Decreto lisongeiro,
Em que dei fim á Casa de Bragança,
Na idéa de ser eu o primeiro,

Em que o Grande Dominador da França,
Por muito meu amigo, e obrigado,
Deitasse as suas vistas sem tardança,

Cujo Decreto sahio com outro ao lado,
Exigindo sem millões de Francos,
Para o pagamento do Reinado;

Pois todos os projectos sahem mancos,
Se a pecunia, em tudo milagrosa,
Não faz algum ataque pelos flancos;

Muito mais em huma alma cubiçosa,
Como a do meu Excelso Imperador,
Que tem por timbre ser ambiciosa.

He verdade, que o Povo ralhador,
Gritará que eu comprei a Monarchia;
E que por compra sou Rei, e sou Senhor.

Mas tudo isso esquece; e eu algum dia,
Em tendo a Coroa na cabeça,
Darei cabo do Povo na Turquia;

E assim farei com que elle bem depressa,
Se deixe de ser tão curioso,
Em assumpto, que a mim sómente interessa,

ois que sendo eu tão valoroso,
A ninguém devo dar satisfações
Da vileza, que me faz ser Rei poderoso,

E assim obrarão outros Campeões,
E o mesmo Buonaparte assim obrou,
Tendo por fraqueza dar razões,

Quando a sua cabeça coroou,
A' vista d'hum congresso numeroso,
Que logo Imperador' o aclamou;

eu, que não sou menos ditoso,
Com o meu Mestre quero aprender
Coroando-me Rei victorioso,
E ralhe Portugal quanto quizer.

S O N H O III.

De que Junot acorda.

EU mandei os Fidalgos a Bayona,
Para pedirem Rei a Buonaparte ;
E elle percebendo-me a gaifona ,

Calou se: E com bello engenho , e arte,
Deo a entender , que só eu sou capaz ,
Como discipulo seu , e de Murat.

Por essa escolha tacita me apraz
Metter as mãos á obra de repente ,
Que em taes casos assim he que se faz ;

Muito mais , quando a Portugueza gente ,
Parece que me adora os pensamentos ,
E que a elles se postra reverente.

Sim: concluão-se já os meus intentos ,
Com o auxilio d'esses bons milhões ,
Que forão os primeiros Instrumentos

Das minhas gloriosas pertenções ,
E auxiliem tambem os Partidistas ,
Que me dérão as suas affeições ,

Quando eu soube ganhá-los por conquistas,
Por tramas, por meiguices, e agrados,
E por outras idéas nunca vistas;

E em paga, hum me deo Vazos Sagrados,
E outro as Igrejas despojou,
Em quanto outro, com grillhões pezados

A sua Patria tanto injuriou,
Que em público gritava muitas vezes,
Viva o Napoleão, que nos ganhou.

E se esses, e os outros Portuguezes,
Vendo as Reaes Armas abolidas,
Nunca me ameaçarão com Inglezes,

Nem gemêrão quando virão erguidas
As nossas Passarolas agoureiras,
A que elles chamão denegridas,

Nem tão pouco fizerão ehoradeiras,
Quando puz fim á Casa de Bragança,
Que prezão sobre todas as maneiras;

Vamos a isto já, e sem tardança;
Que elles verão tudo socegados,
Temendo, que a correr venhão de França.

Esses trinta milhões de bons soldados,
Que servem de terror ao mundo inteiro,
Como a fama pública nos seus brados.

O Gram Lagard seja o Pregoeiro,
Que me aclame nas Praças de Lisboa,
E Mragaron vindo com tinteiro,

Escreva esta função, que o mundo atroa,
E as Senhoras venhão a assistir,
Pois sem ellas a festa não he boa.

Mas que gente he a que eu vejo d'além vir?
Ella grita Junot, Junot, que he isto?
Ah, que tenho estado em sonhos a dormir!

Oh caso extraordinario, e nunca visto,
Fugirão-me as idéas do Reinado,
E agora na minha alma me contristo,

Vendo, que o Povo Portuguez irado,
Por eu faltar a tudo quanto prometti,
Já decide, que eu sou hum scelerado.

Com que maneiras eu o protegi!
Como criei Camões na Beira Alta,
Se eu em roubar a todos destrui?

Oh, que já o meu animo me falta!
E sendo incapaz de ser hum Rei de dança,
Puz a minha presumpção tão alta,

Que insultando a Casa de Bragança,
Pertendi ser Rei de Portuguezes,
Quando ensino as doutrinas da vil França!

Ah, Junot, infeliz trinta mil vezes,
Que depressa o teu grande Ducado,
Será escarnecido dos Inglezes?

Muito mais, se o mundo scandalizado,
Me nomeia Atheista, e trapaceiro,
E defensor do crime, e do peccado!

Conheço, que sou hum caramboleiro,
Usurpador sem forças, e sem meios,
Sem capacidade, e sem dinheiro,

Para invadir Reinos alheios.
Mal hajão esses Infames Subalternos,
Que pertendendo ser os meus Esteios,

Forão buscar á Escola dos Infernos
O Concelho que me derão de ser Rei,
Cuberto com opprobrios sempiternos!

Em apertos tão tristes, que farei?
Conservar hum fantasma de grandeza,
Será cahir nos abysmos, que cavei;

Se fujo, que lugar tem a natureza,
Em que possa esconder-se este aggregado,
De inveja, íra, gula, e avareza?

O Cromwel feliz, e aventureado,
Que por seres de Anglia usurpador,
Foste depois de morto enforcado;

Sim: a tua sorte foi muito melhor,
Do que a que eu espero com tormentos,
Sendo tu, como eras, hum Traidor.

E eu tendo iguaes merecimentos,
Sobre traidor, sou hum embusteiro,
Que mentindo, fiz obrar protentos,

Já espalhados pelo mundo inteiro,
E que consistirão em maldade,
E na perfidia d'hum lobo matreiro,
Que faz mal com a capa d'amizade.

Assim Junot sonhava , e discorria ,
Ou assim devia sonhar , e discorrer ,
Conhecendo , como conhecia ,
Que a sua protecção era só querer ,
Que a gente Portugueza desgraçada ,
Se submettesse a seus pés agrilhoada.

F I M. .

*Na segunda Parte , se desta gostar o Publico , con-
cluiremos o retrato , e as consequencias do usur-
pador.*

Assim Junior copiar, e discaerda
 Oo assm deya copiar, e discaerda
 Conhecendo, como conhecida
 Que a sua protecção era de dactar, e de dactar
 Que a gente Portuguez, designada, e de dactar
 Se submittesse a seus ptoz aguilhadas

F. I. M.

Na segunda Parte; se deya garrar o Publico, con-
 cluzendo o retrato, e as conseqüencias do mes-
 mo.